

A VIRGEM

Quando a morte veio, Claire não resistiu. Deixou o corpo ir sem medo. Conhecendo as escrituras, a morte não era um adeus, mas uma passagem para a verdadeira vida, e era tão fiel às escrituras como ao hábito que usava.

Primeiro, o escuro. Mal conseguia abrir os olhos. Depois o corpo ressequido e nauseado. Os seus membros pareciam leves. Era o mesmo sentimento de quando bebia demais. Aquela ideia deu-lhe um sorriso. *Agora, na morada do senhor, seria diferente.* Inebriado, o corpo não desistia da consciência dorida de existir.

Pensou nas irmãs sepultadas atrás dos claustros no convento do Corpo de Cristo, na beira do rio Douro. Ia vê-las novamente? Quase se riu com aquela ideia. Mesmo com o corpo febril e dormente da passagem, ela sabia que não se encontrariam. Entre o céu e o fogo do inferno não havia misturas.

Quando conseguiu abrir os olhos, o mundo parecia-lhe muito igual ao que ela tinha deixado. Mexia os dedos, para o corpo acordar. O sangue pastoso começava a circular novamente. Parecia o jardim atrás do convento, uma vasta pasta verde desordenada, mas ali não havia igreja. Ainda bem, pensou, odiava aquela vida.

Olhou por si abaixo. Estava descalça, mas os tornozelos já não estalam de caibras, Olhou para os outros, para as pessoas que seguiam pelo jardim fora e todos tinham sapatos, porque é que ela não tinha sapatos? Também queria sapatos! E depois olhou-os com cuidado. Não queria aqueles sapatos ridículos que usavam. Queria sapatos novos, para mostrá-los a Deus. Iam aceita-la sem sapatos? Seguiu-os. O fim do mundo era composto por um pequeno muro de pedra poida que separava o jardim que calcava, do resto do mundo que via dali.

Reconhecia o nascer do dia, o céu raiado de cor-de-rosa. A cidade acorda gelada e infeliz. As carroças já andavam de um lado para o outro, a despejar as pessoas. Conseguia ouvir dali o burburinho da cidade. Preparam a primeira refeição do dia. A chuva das cidades era toda igual. Era fria, e sempre indiferente à sua inconveniência. Era soberana, de dia ou de noite. Recordava-se muito bem. Tal como o álcool barato da taberna, aquela chuva impiedosa deixava-a com uma tosse cavernosa difícil de esconder.

E era ainda mais difícil convencer a experiente priora que estava encharcada porque chovia nos claustros, onde devia de ter estado.

Afastou-se do fim do mundo e caminhou atrás do pequeno grupo de pobres.

Primeiro, via pessoas aglomeradas umas jardas dali, e depois, percebeu que assistiam à margem de um rio de amigável corrente, e duas pequenas barcas ali paradas. Eram construções medievais, de madeira rompida e gasta, e de três ou quatro tábuas a fazer de acentos, onde não se sentaria quem tinha o céu como morada final. *Estariam a pedir passagem? Era ali que seriam transportados para o céu? E se não houvesse espaço para todos? O barco podia afundar-se. Seria aquilo o purgatório?*

Embora a praça fervilhasse de pessoas, Claire cada vez mais perto, percebia que faziam filas. Duas filas paralelas, principiadas por duas mesas quadradas, podres. Ela juntou-se à fila mais pequena.

Poucos entravam na barca à frente. Antes, voltavam para o fundo da fila ao lado. *O que se passava?*

— O próximo... — O miúdo chamou.

O rapaz levantou os olhos enquanto ela se aproximava. Rodou-os imediatamente. Já tinha decidido que não merecia um lugar ali. Mas o que é que o pirralho sabia? Claire acenou modestamente, com a maior graça que conseguia.

O anjo estava de pé atrás do miúdo. Não tinha o prazer de ser uma criatura prazerosa de se olhar. Tinha uma batina comprida, mas não lhe tapava os pés, como nas pinturas da igreja. Estavam sujos. Os dedos tortos, amarfanhados, como se tivesse usado sapatos apertados toda a sua vida. Como se os encascalhasse por vontade. Tentou parar de olhar, mas não conseguia.

— A menina pertence à outra fila. — O miúdo disse-lhe sem a olhar nos olhos.

Mas tinha dois passageiros só?! Uma mãe e um pequeno. Conhecias as marcas na sua pele, morreram de febre. O olhar cansado de ambos, em frente, para o fim do rio, não parecia entender ou se quer agradecer a viagem até ao céu. *Era para os doentes que o céu era reservado? Para que que o céu precisava de doentes? Os doentes já tinham ajuda da igreja, e ainda iam para o céu? O que fizeram eles?*

— Pertença a esta barca. — Ela disse, de mão fechada, de punho cerrado e os dentes a ranger mal se calou. — Sou religiosa ou não conhece o traje?

— Conhece o traje. — Disse o anjo atrás do miúdo a apontar alguma coisa no papel. O chão tremia-lhe debaixo dos pés descalços. Claire deu um passo atrás. O miúdo olhava-a de viés. Manteve-se ali, de cabeça erguida.

— O senhor é um anjo, e vai levar-nos para o céu. O que tenho de fazer? Onde é o purgatório, para que possa rezar?

O miúdo riu-se. Aquele rizo acriançado... embora antes lhe caísse bem, agora era horrível. Um miúdo, preto, ria-se dela. O anjo ficou calado. Mantinha um olhar severo.

— Eu vou para o céu. Devotei a minha vida a Deus. Ele quer-me ao seu lado.

— Devotou a vida ao que é travesso e fácil. Morreu enquanto se dava aos prazeres do corpo, com o filho do vicário. Antes de morrer, o último nome que pronunciaste foi o nome de um fora da lei, em vez do nome do Senhor, por isso, o teu corpo pertence a Satanás, se ele assim o entender. Compreendes?

Ela ficou incrédula. O corpo tremia um pouco.

— Mas ninguém viu. — Ela sussurrou. — E toda a gente o faz.

— Sim, — O anjo bufou. — Eu não te julgo, não é esse o meu desporto. A outra barca ainda tem espaço para um acento confortável. Não tens de ir de pé, deixa muitas religiosas enjoadas.

O rapaz carimbou o papel e passou-lho. O peito pesava-lhe cada vez mais. Que vergonha, que miséria.

Ela saiu da frente deles e deu dois passos para a outra barca.

— Claire, cara parente! Seja bem-vinda. Pede ao padre na fila do fundo que não ocupe os dois lugares, tenho aquele guardado a pensar em ti! — Disse o diabo.

FIM.